



Quino e Tonucci vêm a professora: uma análise de quadrinhos¹

The teacher according to Quino and Tonucci: an analysis of comics

Rosa Maria Hessel Silveira
rosamhs@terra.com.br

Resumo: A partir do reconhecimento da dimensão crítica e contestadora de alguns quadrinhos e cartuns, o trabalho tem como objetivo analisar e cotejar as representações de professora encontradas nas obras *Toda a Mafalda*, do argentino Quino, e *Com olhos de criança*, do italiano Francesco Tonucci. Parte-se do conceito de representação trazido pelos Estudos Culturais e consideram-se, também, estudos sobre trabalho e representações docentes, em especial sobre o humor na docência, além das peculiaridades das obras dos dois autores. A análise de 40 cartuns e historietas de Tonucci, e de 66 tiras de Quino, nas quais a figura da professora está presente ou é referida, permite-nos sintetizar alguns achados; assim, a professora aparece de acordo com uma imagem bastante utilizada no discurso tradicional, em especial no discurso humorístico – falastrona, ensinante, disciplinadora, irritada; a questão da avaliação é recorrente no trabalho dos dois desenhistas, sendo que, no trabalho de Tonucci, encontramos a crítica sutil às avaliações atualmente apregoadas. O autor italiano também satiriza aspectos das novas pedagogias ativas, assim como novas exigências feitas às professoras. Por fim, os dois autores reconhecem, através de algumas tiras, o caráter fatigante de “ser docente”: trabalhar com alunos indisciplinados, ser mal remunerado, etc. Pode-se dizer que o desencontro entre dois atores e dois mundos envolvidos na escola – professora *versus* alunos, ensinamentos escolares *versus* vivências cotidianas – é que serve de fonte para grande parte das situações cômicas apresentadas.

Palavras-chave: representações docentes, quadrinhos, humor.

Abstract: Starting from the acknowledgement of the critical and challenging dimension of some comics and cartoons, this work has the purpose of analyzing the teacher representations found in the work *Toda a Mafalda*, by the Argentinean Quino, and in *Through the eyes of a child*, by the Italian Francesco Tonucci. We start from the concept of representation brought by Cultural Studies and studies on the teaching work and representation are also considered, especially the humor in the instruction, besides both authors' peculiarities. The analysis of 40 cartoons and stories by Tonucci, and of 66 comic strips by Quino, in which the teacher is present or referred, allows us to synthesize some findings: the teacher appears as an image much used in the traditional discourse, especially in the humor discourse – talkative, teaching, disciplinarian, irritated. The issue of the evaluation is recurring in the work of both designers, but in Tonucci's work we found the subtle criticism to the evaluations that are currently advised. The Italian author also satirizes some aspects of the new pedagogies in force, as well as the new demands made to the teachers. Finally, in some strips the two authors recognize the tiring feature of the “being a teacher”: to work with undisciplined students, to be badly

¹ Trabalho resultante do Projeto de Pesquisa “Rindo de professores/as: um estudo do humor sobre a docência”, coordenado pela autora.

paid, and so on. One can say that the different ways between two players and two worlds involved in the school – teacher versus students, school lessons versus daily experiences – are the source for a large number of funny situations that are presented.

Key words: teaching representations, comics, humor.

As histórias em quadrinhos e os cartuns têm ultrapassado, em décadas mais recentes, o seu caráter de entretenimento, para assumirem seu papel no exercício da crítica através do humor. Nesse sentido, alguns desenhistas, em especial, têm se destacado, com sua sutileza, mordacidade e sagacidade, na exposição de uma “outra face” de várias instituições sociais, costumes e práticas, seguindo uma das mais antigas funções do humor: a de questionar e duvidar da seriedade, coerência e lógica das ações e pensamentos humanos. Em especial, em se tratando de escola e educação formal, vários quadrinistas, na segunda metade do século XX, se destacaram nesse campo, entre eles o conhecidíssimo argentino Quino, com sua irreverente e questionadora Mafalda e seus companheiros, e o menos conhecido autor italiano Francesco Tonucci, que, embora não trabalhe com personagens individualmente caracterizados e nomeados, nos traz em sua obra *Com olhos de criança* um notável e desconcertante painel do mundo infantil em suas relações com o mundo adulto.

Por outro lado, as representações e imagens que colocam o professor e a professora em cenários humorísticos já têm ensejado algumas análises, entre as quais citaríamos as de Silveira (2004), em que a autora analisa 300 piadas correntes que envolvem professores e professoras, mostrando o quanto, como personagens centrais das piadas, os mestres tanto são mostrados como desconcertados por tiradas esperdas de seus alunos, quanto, no caso

das professoras, podem ser elas retratadas em sua identidade de “mulher provocante”, que mexe com os interesses sexuais de alunos; além dessas duas possibilidades, os/as professores/as podem eventualmente levar a melhor em um confronto com alunos ou se revelar obcecados por suas disciplinas, a tal ponto que se desconectam da sua vida cotidiana normal, digamos, e a impregnam do discurso formalizado oriundo de seus campos de saber. Em qualquer dos casos acima, a imagem dominante é a do professor que interroga incessantemente o alunado sobre conteúdos e cobra do mesmo atitudes e obrigações que a escola ocidental tradicionalmente tem consagrado como vitais para o cumprimento de sua função disciplinadora: pontualidade, submissão, cumprimento de tarefas, etc. Já outros trabalhos, embora não tenham como tema central a comicidade do professor e da professora, ao focalizarem representações do mestre de maneira mais geral, paralelamente apontam algumas situações em que ele se torna objeto de riso. É o caso do conjunto de trabalhos que tomou como objeto de análise livros de literatura infanto-juvenil e foi publicado em Silveira (2002a). Em alguns desses trabalhos, analisa-se como professores de Ciência às vezes são representados como estranhos, curiosos, distraídos (Wortmann, 2002), analisa-se a fala incontrolável, difícil ou em altos decibéis (Silveira, 2002b), e as professoras de Português, por vezes nervosas, gritonas e mal-humoradas, são analisadas por Dalla Zen (2002).

Para onde se volta nosso olhar?

Especificamente no trabalho ora apresentado, nosso objetivo é o de analisar as representações de professora que povoam as páginas de Quino (1989) e Tonucci (1997), tomando como inspiração teórica, por um lado, o conceito de representação oriundo dos Estudos Culturais, que não a tomam como reflexo mais ou menos fiel de uma realidade preexistente, mas como uma imagem produzida dentro de jogos de poder-saber, articulada a outras representações, por sua vez constituídas em circunstâncias culturais específicas. Por outro lado, estudos sobre o trabalho e a profissão docente, que têm esquadrihado tanto dimensões propriamente pedagógicas – o trabalho didático, os saberes pedagógicos, os “cacoetes” da profissão –, quanto dimensões ligadas à ocupação docente – remuneração, sentimentos, imagens sociais da mesma, nos auxiliaram, ainda que de maneira menos formalizada, na compreensão dos textos visuais dos dois desenhistas.

Embora nosso intuito não seja proceder a uma comparação estrita entre as representações de professora de Quino e Tonucci, evidentemente algumas aproximações serão feitas e, nesse sentido, torna-se importante apontar algumas diferenças entre as características da produção de ambos. As tiras da Mafalda de Quino são constituídas por pequenas historietas, geralmente com três a seis quadrinhos, em que os personagens fazem parte da turma da Mafalda: nessa turma se incluem tanto a própria heroína, quanto familia-

res (pai, mãe e o pequeno irmão), amigos (Filipe, Susanita, Libertad, Manolito, Miguelito); aparecem eventualmente outros personagens do contexto social (professores, guardas, amigos dos pais, etc.), raramente nomeados. As historinhas são bem estruturadas, os ambientes são desenhados com detalhes e, como todos sabemos, a personagem se tornou famosa pelo teor político e contestatório de suas perguntas e intervenções, onde temas como as guerras, as questões de poder, as discriminações de gênero, as regras ocidentais para a educação das crianças e os variados tipos de preconceito são questionados. Já os desenhos de Tonucci têm outra característica: por vezes temos apenas um (1) cartum retratando uma situação dada ou, no caso de haver vários desenhos que representam situações sucessivas, o autor não utiliza, via de regra, a delimitação em quadrinhos, mas efetua uma organização especial do espaço da página. Não há, nos desenhos analisados, a criação e a nomeação de personagens específicos; com economia de traços, o desenhista nos traz crianças que se diferenciam por pequenas características (o cabelo, a presença ou não de óculos, o gênero apontado pela roupa) e uma professora quase só representada por um perfil de cabelos crespos, vestido e salto alto. Por vezes, apenas os balões da voz da professora aparecem. Diferentemente dos desenhos sobre a Mafalda, os desenhos de Tonucci trazem pequenos títulos que enquadram e/ou contextualizam as cenas retratadas, tais como: *Primeiro dia na escola: o encontro... / Animação ou reanimação / Homenagem a Piaget / "Deve-se observar atentamente o comportamento da criança"*, etc. Às vezes, é justamente desses títulos que advém o humor, em função da discordância que se estabelece entre sua referência e a situa-

ção apresentada pelo desenho.

A partir de uma leitura interessante de ambas as obras – *Toda a Mafalda*, de Quino, e *Com olhos de criança*, de Tonucci – foram analisados 40 cartuns ou historietas de Tonucci, selecionadas pelo critério de envolverem, de alguma forma, a personagem professora – às vezes apenas presente através de sua fala. Da autoria de Quino, foram analisadas 66 tiras, também selecionadas pelo critério de se referirem, de alguma forma, à figura da professora, ora presente na cena retratada pelo quadrinista, ora constituindo tema de conversa do grupo de Mafalda.

Dados os limites do presente trabalho, não será possível esquadriñar todas (ou quase) as possibilidades analíticas dos desenhos de ambos os autores; nos deteremos em algumas delas, ilustrando-as eventualmente com alguns dos desenhos.

Uma professora conforme o velho figurino

A imagem da professora como aquele adulto que, na instituição escolar, cumpre a reiterada função de ensinar “conteúdos”, de disciplinar os alunos e de garantir a continuidade, a ordem e o formato da escola, aparece nas historietas de ambos os desenhistas. Dentro de uma tradição verbalista continuada, a professora é continuamente representada como uma incessante palradora, de acordo, aliás, com o que Silveira (2002b) afirma, a partir de sua análise de li-

vros infanto-juvenis: “A frequência e a recorrência da fala do professor na sala de aula é um dos seus traços representativos mais notáveis.” Inclusive, o mesmo recurso que a pesquisadora encontrou em tais livros – a utilização de onomatopéias que caracterizam a fala continuada e incontinuada – está presente nos cartuns de Tonucci, ao representar as lições da professora: *Os fenícios eram grandes navegadores e comerciantes bla bla bla e rosa viveu o que vivem as rosas bla bla bla bla bla a soma de dois números bla bla a Groenlândia é delimitada ao norte bla bla ao sul bla bla as vértebras*. Já Quino, entre outros quadrinhos, nos traz uma cena tradicional em escolas de talhe mais clássico, digamos. Frente a uma turma de crianças perfiladas no primeiro dia de aula, a diretora pomposamente usa da palavra para dar as suas boas vindas: *E a vós, os mais pequeninos, que pela primeira vez vindes a este templo do saber, garanto-vos que nele achareis um segundo lar, onde cada professora vos dará aquilo que cada mãe dá a seus filhos: AMOR..*

A professora **deve** ensinar – dessa caracterização dificilmente haverá alguma discordância no mundo ocidental, e tanto Quino quanto Tonucci a ilustram com frequência. Na tira de Quino (Figura 1), a mestra exerce a tradicional prerrogativa de chamar um aluno, Manolito (Manelinho, no original português), no caso, para responder a uma pergunta relacionada ao conteúdo por ela desenvolvido: a família silábica



Figura 1.

do P. No caso específico, o humor da tira não coloca a professora na berlinda, mas advém da expectativa de Mafalda de que o colega, tradicionalmente um aluno malsucedido em sua carreira escolar, diga um palavrão – tipo de palavra vedada no cotidiano escolar. Embora Manolito simplesmente enuncie a palavra “política”, Mafalda a considera um palavrão, pelas conotações negativas que tal termo carrega.

A mestra também deve disciplinar corpos e mentes infantis, e essa faceta aparece nas historietas de ambos os desenhistas. Assim, a professora de Libertad, uma das originais personagens de Quino, reage com indignação à recusa da aluninha em “apontar o rio Neuquén” e grita: *Sou a tua professora e tens obrigação de me respeitares!!* Também Tonucci, ao narrar os “passeios instrutivos”, reproduz a profusão de ordens disciplinadoras magistrais para os pequenos alunos: *Crianças, hoje vamos passear! Sairemos para ver o bairro! / Em frente, em fila de dois / Dêem-se as mãos... não se distraiam... / ...Não desçam da calçada... / E agora, vamos voltar para a aula e cada um de vocês desenhará o que mais impressionou.* Talvez seja interessante apontar que, a essa última ordem, um aluninho desenha justamente a nuca do coleguinha que passou todo o passeio na sua frente...

Acima, já citamos uma passagem em que a irritação da professora é retratada por Quino; também Tonucci a ilustra, através da reprodução do grito – CHEGA!!! – da professora, que reage a uma história inconveniente de um aluninho. Afinal, ser perguntadora, disciplinadora, ensinante e irritada parece que faz parte das imagens de professor/a em vários produtos culturais não comprometidos com ideários pedagógicos mais oficiais, digamos – histórias em quadrinhos, livros infanto-

juvenis, filmes, etc..

Julgo importante registrar o quanto o humor de tiras de Quino e desenhos de Tonucci provém, por vezes, do costumeiro “descompasso” entre o universo escolar – trazido na figura da professora – e o mundo que se desenrola “lá fora” – concretizado nas respostas, expectativas e pensamentos dos alunos. Em achado semelhante ao de Silveira (2004), em sua análise de piadas, este é um filão frequentemente explorado pelos desenhistas que analisamos. No caso de Tonucci, que trabalha mais especificamente com um personagem aluno criança, de alma infantil (ao contrário da precocidade política de Mafalda), esse descompasso é insistentemente explorado. Ele está presente, por exemplo, numa tira em que, face ao pedido da professora de que todos os alunos levem prendedores de roupa no dia seguinte, quatro crianças são retratadas ao entrarem na escola imaginando diferentes usos para tais prendedores – como instrumentos para brincadeiras, como enfeites de cabelo, como suportes para a feitura de brinquedos, etc. Na cena seguinte, os mesmos quatro alunos saem com objetos padronizados feitos com seus prendedores de roupa, enquanto se ouve a voz da mestra: *Levem este lindo porta-canetas ao papai.* Efetivamente este é um dos grandes motes do desenhista italiano – o confronto entre a multiplicidade de possibilidades de ação ou de produção que o aluninho projeta para o espaço escolar, por um lado, e a padronização e restrição de

atividades imposta pela instituição escolar. Também nas tiras de Mafalda, personagem aluna mais madura, mais crítica, mais politizada, e seus amigos, frequentemente inconformados com o teor das regras e conteúdos escolares, encontra-se com frequência tal desencontro como fonte do humor. Assim, na Figura 2, Miguelito reclama a Mafalda que a professora havia ensinado uma notícia de 1492 (a descoberta da América), como se o ensino de História não tivesse mais significado num tempo de tanta ênfase à contemporaneidade e à novidade como o atual...

Avaliando sempre: uma tarefa de professora

Dentre as atribuições de uma professora conforme o velho figurino, certamente está a prática das formas mais tradicionais de avaliação, e a destacamos em item específico devido ao expressivo espaço que ela toma nos desenhos de ambos os autores. Manolito, o personagem de Quino, que é mais ligado a questões comerciais e costuma interpretar o mundo sob tal ponto de vista, reclama, por exemplo, da constância com que a professora coloca MAU em seus trabalhos, sem considerar que ele é um “cliente” (nesse sentido, o jovem personagem parece prefigurar, em décadas, a lógica atual da educação neoliberal). Já em outra tira, a professora, da qual apenas aparece a voz, questiona Miguelito sobre os “nossos antípodas”. Ao ouvir a es-



Figura 2.

tranha resposta “japonésidos”, ela proclama: “zero, estúpido”, evidenciando a tradicional função avaliativa das perguntas de sala de aula. Também em outra historieta, vê-se a professora encenando o tradicional ritual prévio às provas escritas, ao proclamar: “Bom, agora podem guardar os livros todos. Mas deixem o lápis, a borracha e uma folha em branco na qual vão escrever: Prova Escrita”.

Se voltarmos ao questionamento oral dos alunos com vistas a uma avaliação, podemos interpretar tira (Figura 3) em que Libertad é questionada. O foco na resolução de operações matemáticas embutidas em “problemas escolares” – gênero textual em que a história contada, como mero pretexto para a contextualização de uma pergunta matemática, deve ser desprezada – está presente na tira acima. Nela, a raiz do humor reside no desrespeito de Libertad a essa regra escolar e sua interpretação do problema como a descrição de uma situação de relacionamento humano. Dentro desse quadro interpretativo peculiar, não escolar, mas respeitando, por outro lado, a regra pedagógica do discurso docente de que uma sílaba pode ser entendida como uma pista para a resposta correta (com... conflituoso), Libertad desconcerta a professora e nos provoca o riso.

Mas, mesmo nos moldes das novas pedagogias, tão marcadas pelas teorias psicológicas, a avaliação não deixa de ser um dos principais motores da vida escolar, e algumas dessas mais recentes inspirações avaliativas – que têm florescido mais na educação infantil e nos anos iniciais de escolaridade – não passam incólumes pelo traço de Tonucci.

Começemos por um cartum (Figura 4), cuja expressividade parece dispensar qualquer interpretação adicional. Se aí já não encontramos a aplicação de uma prova ou a obsessão por notas, exames e aprovação, novas facetas de uma avaliação preo-



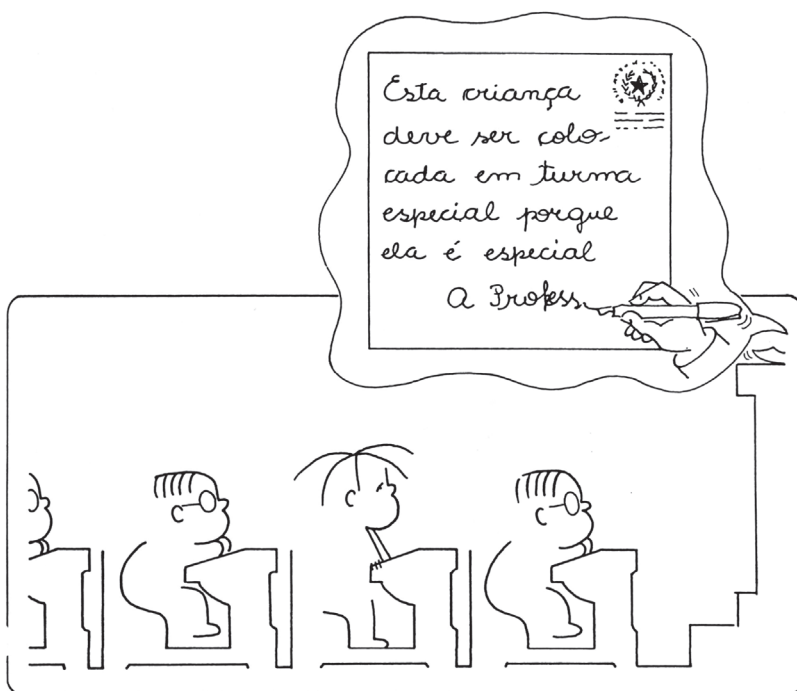
Figura 3.

cupada com a normalidade (frequentemente inspirada nos diagnósticos médicos e psicopedagógicos) são sugeridas através da caneta da professora que atribui um caráter “especial” (anormal, diríamos) ao menino, que parece se distinguir dos outros, homogeneizados, apenas pela diferença dos cabelos...

Em outro cartum, intitulado “A avaliação (1)”, que se tornou bastante conhecido por ter sido utilizado em uma questão de um Provão de Pedagogia do Ministério de Educação e Cultura, a professora também escreve breves frases descritivas de

seus alunos – *Luis é vivo demais / Ana é desorganizada / Pierre é abúlico / Henrique é deficiente / Carlos é temperamental / Luísa é tímida demais / Maria é mal-educada* – para concluir com *Só José é normal*. A leitura das imagens dos alunos descritos e da professora indica que José e a professora são semelhantes, o que sugere o quanto de busca do próprio espelho pode estar implícito em pareceres escritos e impressionísticos das novas avaliações formativas ou somativas.

Vale a pena referir, ainda, outra tira de Tonucci, que parece especialmen-



(1970) A diferença

Figura 4.

te interessado em problematizar o caráter das avaliações mais recentemente apreogadas. Assim, em uma tira intitulada “Deve-se observar atentamente o comportamento da criança”, o desenhista italiano reproduz um menino em várias atividades da educação infantil – montando blocos, brincando, participando de teatrinho, colocando um casaco – e a professora, que o “espiona”. Ao chegar em casa, o aluninho (no caso, uma espécie de miniMafalda) fala à sua mãe: *Mamãe, estou preocupado... Acho que a professora está suspeitando de mim...* Não por acaso, vários analistas das novas pedagogias já apontaram o caráter de controle e vigilância das novas avaliações, constantemente descritas como libertadoras...

A professora exigida por novos discursos

De certa maneira, ao final do tópico precedente, já efetuamos uma ligação com o presente subtítulo, onde comentamos brevemente os desenhos em que os autores retratam as novas exigências e preceitos que se colocam para as professoras, a partir das pedagogias mais recentes, em geral inspiradas pelas áreas psi. Quino é bastante parcimonioso nessa área, e, evidentemente, isso está relacionado à época em que os desenhos foram feitos: os anos compreendidos entre 1964 e 1973, quando, possivelmente na escola argentina (e também diríamos que na brasileira), esses novos ventos ainda sopravam de forma tímida. Tonucci já é bastante mais contundente nos seus cartuns; em um deles, intitulado “Entre a casa e a escola”, uma professora de escola “ativa” incentiva o aluno da educação infantil a fazer muitas e variadas atividades: *E agora, crianças, vamos pintar com as mãos / Mais uma volta... depressa! /*

Você também quer estes aqui? (ao oferecer mais blocos de construção para o aluninho). Em outro hilariante desenho, a professora parece se esmerar em seguir uma receita pedagógica atualizada para explicar correspondência entre conjuntos, ao manusear material concreto e descrever concomitantemente suas ações: *Queridas crianças, hoje brincaremos com as quantidades. No círculo grande, há cubos e, no círculo pequeno, há bolinhas. Em qual círculo há mais objetos? Se colocarmos uma bolinha ao lado de cada cubo, vocês verão que sobram cubos. Isto quer dizer então que... O efeito cômico se origina do breve diálogo entre duas alunas, que desmistifica a pretensa simplificação da operação concreta feita pela professora: – Mas, o que ela está falando? – Nada, ela quer explicar de maneira simplificada que 6 é o dobro de 3. Ainda na área das opera-*

ções lógicas matemáticas, Tonucci desenha uma “Homenagem a Piaget” (sic), sob a forma de uma historieta em que a professora aplica o teste de conservação da massa ao pequeno aluno, que responde “erroneamente” à pergunta “Onde há mais?”, em face da comparação entre dois volumes iguais de massa, distribuídos em uma única bola, por um lado, e em cinco bolinhas, por outro. A lógica infantil, não captada pela professora, é mostrada no diálogo do pequeno aluno e sua mãe: – *O que vocês fizeram na escola hoje?* – *Bom, a professora queria me convencer que um é igual a cinco...*

Mas as novas exigências que se fazem à professora não se restringem a aplicações da teoria piagetiana à escola: assim, a conveniência de aulas de educação sexual faz parte da agenda dos mestres atuais, e isso é ilustrado pelo cartum da Figura 5. Evidentemente perturbada – o rubor



(1977) Educação sexual (1)

Figura 5.

das faces, as hesitações e as frases incompletas, as mãos em um gesto nervoso revelam isso – a professora inicia sua preleção de educação sexual, lançando mão dos tradicionais elementos dos reinos vegetal e animal, enquanto os aluninhos, sentados, estão pensando, todos, numa relação sexual humana, entre homem e mulher, conforme é sobejamente mostrada na mídia contemporânea. Mais uma vez, a repetida questão do descompasso entre escola – vida fora da escola, conteúdo escolar – conhecimentos e interesses dos alunos é tematizada.

Como é extenuante ser professora!

A professora nos desenhos de Quino e Tonucci, entretanto, não é vista apenas em sua face irascível, controladora, disciplinadora, avaliadora e transmissora de conteúdos. Se, na obra dos dois desenhistas, ela não aparece como uma mulher sensual – traço com que ela é retratada em outros artefatos culturais –, é trazida, por vezes, não na sua face pedagógica, mas numa perspectiva que privilegia a docência como profissão e ocupação também extenuante. A tira (Figura 6) mostra a reflexão de Mafalda que também inclui a mestra em seus pensamentos.

Interessante lembrar que uma mestra cansada e desanimada de seu trabalho profissional também aparece nos quadrinhos do personagem Chico Bento, de autoria do quadrinista Mauricio de Sousa, conforme analisa Lemes (2005), em sua dissertação de mestrado.

Já em outra tira de Mafalda, a personagem central tece, para sua mãe, algumas considerações sobre o comportamento de sua mestra, que revelam uma consciência do que atormenta aquela para além da sala de aula: *Mas se nos portamos mal, [a professora] desorienta-nos porque*



Figura 6.

se põe a olhar com olhos de fúria e ficamos a tremer de medo... ou então usa sua expressão de escasso ordenado e faz-nos chorar de pena.

Problemas dentro e fora da sala de aula – indisciplina, alunos que não aprendem, baixos ordenados – fazem com que seja “necessário auxiliar o professor”, que é o título do sugestivo desenho de Tonucci (Figura 7), em que a professora, desmaiada, é socorrida por um profissional da saúde.

Mas mais previsível do que a necessidade de ajuda de um agente de saúde numa ocasião de desmaio, é a chegada das férias escolares. Na seqüência de desenhos (Figura 8) do autor italiano, a despedida chorosa (autêntica? encenada?) do



76) É necessário auxiliar o professor

Figura 7.



(1980) Tchau, escola!

Figura 8.

aluninho e da professora é sucedida pela explosão de alegria de ambos, que jogam para o alto seus objetos escolares e desandam a correr desabaladamente para longe do prédio escolar. Como anuncia o título do desenho, para ambos é chegada a hora do desejado “Tchau, escola!”

Últimas palavras

Sem que nosso intuito tenha sido aqui esgotar as leituras e interpretações dos mais de cem desenhos de Quino e Tonucci, apenas rastreamos e agrupamos os traços mais evidentes com que a professora comparece em tais desenhos. Temáticas tradicionais do humor sobre a escola ali aparecem, como a exibição de uma professora controladora, ensinante, perguntadora contumaz e irritada, confrontada com alunos que não atendem aos preceitos escolares, não estudam o suficiente e dão respostas absurdas do ponto de vista da cultura escolar. O desencontro entre esses dois “lados” – professora e alunos, ensinamentos e cultura escolar e vivências mundanas e cotidianas – é responsável por grande parte das situações cômicas criadas, com especial ênfase às situações de avaliação, tanto de corte tradicional, quanto aquelas informadas pelas

mais recentes visões pedagógicas. O caráter extenuante e estressante do ofício de mestre também serve de pano de fundo para o humor sobre a professora, profissional que precisa, ainda, se adequar aos novos discursos pedagógicos. Deixamos para trabalho posterior, entretanto, outras temáticas menos recorrentes nos desenhos de ambos os autores analisados, quais sejam as questões de gênero envolvidas em algumas situações, a ênfase a algumas práticas escolares tradicionais, como a “pesquisa” escolar, a cópia, etc. Tais temáticas, aliadas à possibilidade de aprofundamento das aqui focalizadas, apontam para a complexidade e interesse da análise do discurso dos quadrinhos e cartuns sobre a educação, na medida em que, com mais contundência e economia semântica, eles *colocam o dedo nas feridas* de uma escola que se reconhece em crise, por um lado, mas que, por outro, não escapa às injunções da racionalidade moderna que a vê como uma potente máquina “produtora de cidadãos”.

Referências

DALLA ZEN, M.I. 2002. Representações da professora de português na literatura infanto-juvenil – elas têm o vírus da

chatice? In: R.M.H. SILVEIRA (org.), *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 155-172.

LEMES, A. 2005. A escola do Chico Bento: representações do universo escolar em HQs de Mauricio de Sousa. Canoas, RS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA.

QUINO. 1989. *Toda a Mafalda*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

SILVEIRA, R.M.H. (org.). 2002a. *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro, DP&A.

SILVEIRA, R.M.H. 2002b. Gritos, palavras difíceis e verborragia: como a professora fala na literatura infantil. In: R.M.H. SILVEIRA (org.), *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 47-66.

SILVEIRA, R.M.H. 2004. “Juquinha e a professora” – um estudo de piadas sobre a escola e a docência. In: VI Colóquio sobre Questões Curriculares – II Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares, Rio de Janeiro, RJ. *Anais...*

TONUCCI, F. 1997. *Com olhos de criança*. Porto Alegre, Artes Médicas.

WORTMANN, M.L. 2002. Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis, desprezidos e abnegados: professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil. In: R.M.H. SILVEIRA (org.), *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro, DP&A, p. 19-46.